

# ESCAFANDRISTAS DO TEMPO: NARRATIVAS DE VIDA E REGENERAÇÃO DA MEMÓRIA EM SÃO RAFAEL-RN<sup>65</sup>

## EXPLORERS OF TIME: NARRATIVES OF LIFE AND MEMORY REGENERATION IN SÃO RAFAEL-RN

Francisco das Chagas Silva Souza<sup>66</sup>

Estudos realizados nos anos 30 do século XX, aprofundados décadas depois, apontaram a necessidade de criação de uma barragem no Vale do Açu, no semiárido do Rio Grande do Norte. Com tal objetivo, o presidente Ernesto Geisel criou o Projeto Baixo-Açu por meio do Decreto nº 76.046, de 13 de julho de 1975. Esse projeto era um exemplo da antiga política das águas, pois se acreditava “acabar com o atraso” do Nordeste brasileiro através do armazenamento desse líquido. Julgava-se, com isso, combater a seca e a fome no semiárido, trazendo o desenvolvimento para essa região, entendido nesse contexto apenas como crescimento econômico. Pode-se afirmar, portanto, que o Projeto Baixo-Açu foi um exemplo típico de que o Estado, a partir de um planejamento racional, procura programar o desenvolvimento econômico pela via da modernização.

As ambições do Projeto Baixo-Açu eram grandes. A maior delas era a construção de uma barragem com uma capacidade de 2,4 bilhões de metros cúbicos de água, a qual seria a maior do Nordeste do Brasil e atingiria diretamente áreas dos municípios de Jucurutu, Assú, Ipanguaçu e São Rafael, no Estado do Rio Grande do Norte. Apesar das promessas de melhorias nas condições de vida da população, a novidade sobre a edificação da barragem

---

<sup>65</sup> Sinopse de tese, apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Educação. Área de concentração: Estratégias de Pensamento e Produção do Conhecimento. A tese foi defendida em 22 de dezembro de 2010 e teve como banca examinadora: a orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida; os examinadores externos Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho (PUC-SP), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josineide Silveira de Oliveira (UERN) e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izabel Cristina Petraglia (UNINOVE – suplente); e os examinadores internos Prof. Dr. Luis Carvalho de Assunção (UFRN), Prof. Dr. Alessandro Galeno Araújo Dantas (UFRN) e Prof. Dr<sup>a</sup>. Wani Fernandes Pereira (UFRN – suplente). Cf. SOUZA (2010).

<sup>66</sup> Doutor em Educação e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Câmpus Mossoró. Líder do Grupo de Estudos “Educação e Complexidade”. E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br

gerou ansiedades, dúvidas e insatisfações em todos os segmentos da sociedade: os mais pobres não sabiam o que fazer, a quem recorrer, nem para onde ir; enquanto os proprietários de terras temiam ser prejudicados pela reforma agrária que o Projeto prometia e reagiam contra os valores pagos pelas indenizações.

O “esclarecimento” das dúvidas e o convencimento da população não tardaram a chegar. A imprensa, a propaganda governamental e alguns poetas populares enfatizavam que o Projeto traria benefícios incalculáveis e seria uma verdadeira salvação para milhares de norte-rio-grandenses que sofriam as agruras da seca. Admitiam as dificuldades que muitos passariam para a concretização desse sonho, porém, ressaltavam que, concluída a barragem, era certo que aquela região iria se tornar um enorme celeiro e o povo teria terra, trabalho, renda e alimentos.

Não obstante as oposições de alguns políticos, sindicalistas e membros da Igreja Católica, a barragem foi construída e, em 1983, foi inaugurada com as presenças do Presidente da República João Batista de Figueiredo, do Ministro do Interior Mário Andreazza e do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, que, em seu discurso, afirmou: “aqui começa uma nova história para este Vale do Açu”.

Como podemos perceber, o drama vivido em São Rafael é um campo aberto às indagações. São as grandes perguntas o motor propulsor do conhecimento, mereça ele o estatuto de cientificidade ou não. As respostas dadas serão sempre provisórias e jamais satisfarão a nossa sede de conhecer, pois como nos ensina Morin, o conhecimento “é um fenômeno multitensional, de maneira inseparável, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural, social.” (2008, p. 18). Dada essa vastidão de fatores presentes na sua apreensão, devemos considerar que todo conhecimento assenta-se em bases não muito sólidas, estando, portanto, sob o constante risco da ilusão e do erro. Entretanto, resalta Morin, “a dúvida e a relatividade não são somente *corrosão*; podem tornar-se também *estímulo*” (2008, p. 23, grifo meu).

Estimulado por esse leque de possibilidades investigativas sobre São Rafael, passamos a elaborar algumas questões: como os moradores da antiga São Rafael rememoram o fato que mudou as suas vidas há mais de duas décadas? De que forma representam o passado e como percebem sua situação presente? Diante do que foram submetidos, o que na sua memória foi alterado, esquecido, ressaltado ou ressignificado? Em outros termos: considerando que memória, no sentido básico do termo, é a presença construída do passado, *como* os rafaélenses tornam presente o passado de sua cidade?

Essas questões nortearam o desenvolvimento desta pesquisa. A metáfora do escafandrista, presente no título da tese, é uma inspiração trazida pela composição musical de Chico Buarque de Hollanda, intitulada *Futuros amantes*, na qual o compositor, vestido da alma do historiador, imagina uma cidade submersa – uma coincidência com a velha São Rafael – e supõe que “os escafandristas virão explorar sua casa, seu quarto, suas coisas, sua alma, desvãos. Sábios em vão tentarão decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos, vestígios de estranha civilização”.

Como é comum em qualquer pesquisa, antes da fase empírica, realizamos inicialmente um levantamento bibliográfico. Buscamos as produções acadêmicas sobre o Projeto Baixo-Açu e os seus efeitos, como também, sobre a cidade de São Rafael. Dada à vastidão de material encontrado, destacamos aqui as pesquisas desenvolvidas pelo Nut-Seca e os trabalhos de Vargas (1987a; 1987b; 1991), Valêncio (1994), Boneti (2003), Gomes da Silva (1992) e Carvalho (1999).

Como dissemos anteriormente, no projeto inicial da pesquisa, o intuito era conhecer como se constrói uma memória social em São Rafael com base nas narrativas orais. Nesses relatos, seria observado como os rafaélenses representam o seu passado, tornam-se sujeitos da história, transmitem valores, saberes, experiências e sentimentos às novas gerações. Mais tarde, percebemos que, por meio da rede social *Orkut*, havia uma tentativa de preservar a memória da velha São Rafael e de construir um projeto de futuro para a nova cidade. Como essa intensão ficava mais clara a cada dia, passamos, então, a dar maior ênfase ao que antes, metodologicamente, considerávamos secundário e complementar, o perfil de São Rafael criado no *Orkut*<sup>67</sup>.

Antes de detalharmos os procedimentos metodológicos que foram utilizados na pesquisa, consideramos importante destacar que ela filia-se à perspectiva teórico-metodológica da *complexidade*, na qual a realidade é compreendida como dinâmica, não-linear, imprevisível, multidimensional e construída pela interrelação sujeito e contexto. Portanto, não se estabeleceu um conjunto de etapas a ser vencido, um programa *a priori*. Ao contrário, o método foi pensado como estratégia, como compreende Morin (2005a) e reforça Almeida (2009). Isso explica o fato de ter sido flexível às necessidades

---

<sup>67</sup> Há uma diferença entre *Orkut* e *Perfil*. Enquanto o *Orkut* é a rede social *on line*, o *Perfil* é a área criada no *Orkut*, preenchida com os dados pessoais, como álbuns de FOTOGRAFIAS, IDADE, INTERESSES e outros DETALHES que podem ou não serem disponibilizados a todas as pessoas que o acessem. Embora haja essa diferença, tornou-se comum nos referirmos ao *Perfil* como se fosse o próprio *Orkut*, daí porque doravante usarei o termo *orkut de São Rafael* sempre que me referir ao perfil dessa cidade.

de mudanças que surgiam e exigiam um redirecionamento na tese, conforme nos referimos anteriormente.

No decorrer da pesquisa e da escrita do texto, como desconsiderar os desafios, as situações imprevisíveis, as bifurcações e as novas descobertas? É óbvio que isso gerava desordens, perdas do “fio da meada”, angústias, mas também anunciava a oportunidade de auto-organização das ideias. O caos, lembra Morin, “é a desintegração organizadora” (2008, p. 80). Isso quer dizer que ordem, desordem e organização se coproduzem simultânea e reciprocamente na produção dos saberes.

Guiados por esses pressupostos teórico-metodológicos, resolvemos seguir dois percursos na pesquisa. O primeiro deu-se, inicialmente, por meio de *entrevistas abertas*, sem questões fixas, de longa duração, realizadas com doze pessoas que residiam na antiga São Rafael. Não foi feita uma seleção desses sujeitos anteriormente aos nossos contatos. Muito colaborativos, alguns chegaram a indicar outras pessoas que poderiam relatar as suas experiências para mim.

Como técnica de registro, o uso do gravador foi imprescindível, dada a longa duração de algumas entrevistas. A *observação* das casas e dos comportamentos dos entrevistados também foi considerada, haja vista que nem sempre dizemos o que queremos pelo mecanismo da palavra.

A função da pesquisa aprofundada consiste em fazer emergir a personalidade, a concepção de vida dos entrevistados (MORIN, 1984, p. 135), daí porque eles ficaram livres para narrar suas experiências, suas leituras de mundo, suas representações do passado, suas avaliações quanto ao presente e suas projeções para o futuro.

Com a intenção de perceber como as novas gerações recebem dos mais velhos as informações quanto ao passado da antiga cidade, realizamos também entrevistas em grupo com jovens que nasceram na nova São Rafael. Nessa oportunidade, as questões debatidas relacionaram-se às representações que esses jovens tinham quanto ao passado de sua cidade, a preservação da memória e as perspectivas para o futuro do seu município.

Uma segunda estratégia de pesquisa deu-se por meio do *Orkut* de São Rafael, algo não convencional numa pesquisa científica, pelo menos para aquelas que desejam espelhar o “real”. Esse *site* de relacionamentos já vinha sendo usado por nós desde a época da elaboração do projeto de pesquisa para a seleção no doutorado em Educação, na UFRN. Ao perceber o volume de informações ali disponíveis, passei a explorar essa comunidade quase diariamente, verificar as mensagens deixadas, ler os depoimentos postados, ver os vídeos e as fotos nos álbuns.

As entrevistas com os ex-moradores da antiga São Rafael e com alguns jovens que nasceram na nova cidade evidenciam o caráter de seletividade e de plasticidade dos discursos narrativos quando estes se adaptam ao contexto social atual em que os narradores estão inseridos. As projeções feitas sobre o passado não estão separadas das condições socioeconômicas do presente nem das perspectivas de futuro que esses entrevistados, sobretudo os mais jovens, têm para si e para a sua terra natal.

Dessa forma, levando em consideração a saudade que os mais velhos sentem de um passado que lhes parece ideal, os mais jovens reproduzem essa representação e avaliam as condições atuais do município em que residem. Para eles, sua cidade é subdesenvolvida, mas detém um grande potencial para superar as dificuldades. O investimento nos turismos histórico, ecológico e de aventuras é visto como uma alternativa.

Nas falas dos entrevistados é patente uma divisão do tempo em duas etapas: um tempo “bom”, anterior à barragem, e um tempo “ruim”, de dificuldades, e que se iniciou com a instalação da população na nova São Rafael. Os relatos sobre a chegada da notícia da execução do Projeto Baixo-Açu e a transferência das famílias para a cidade construída pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) são acompanhados de revolta, de denúncias e, muitas vezes, de lágrimas.

Nesses discursos, é destacada uma época de grande disponibilidade de alimentos proporcionados pela agricultura às margens do rio Piranhas e que, com a barragem, foi extinta. Além disso, ressaltam que o reservatório inundou áreas de extrativismos vegetal e mineral, geradores de emprego e renda para centenas de famílias. As feiras, ocorridas semanalmente no mercado da velha cidade, são descritas como momentos de sociabilidades e de exposição da riqueza da produção agrícola às margens do rio.

Enfim, por meio desses relatos, percebemos uma representação positiva quanto ao passado da velha cidade. Por tal motivo, os rafaélenses compreendem que a construção da barragem não trouxe o progresso esperado como alardeavam os defensores do Projeto em fins do século passado. Para a nova geração, os mais velhos pagaram um ônus muito alto e não obtiveram o que lhes prometeram.

Os jovens entrevistados reproduzem os discursos dos mais velhos, como se eles também tivessem vivido aquela experiência. As considerações de Halbwachs sobre a memória coletiva nos leva a compreender porque isso ocorre. Para ele “isso acontece porque *jamaís estamos sós*. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”. (2006, p. 30, grifo meu)

No que diz respeito à utilização de narrativas provenientes do meio digital, isso se deu a partir de uma pesquisa quase diária no *Orkut* de São Rafael<sup>68</sup>. Passamos a ler e a analisar os comentários escritos e as fotografias postadas frequentemente pelo divulgador do referido perfil da cidade. Nessa etapa foram importantes as leituras de alguns estudos que discutiram a fotografia como um artefato e como uma fonte para os historiadores. Merecem distinção as obras de Borges (2003), Barthes (1984), Burke (2004), Kossoy (2001; 2007), Lima (2009); Maud (2008) e Sontag (2004). Também é justo fazer menção à tese de Dantas (2003).

Como se fossem portais para o passado, muitos álbuns criados na rede social mostravam centenas de fotografias em preto e branco ou coloridas. Eram constantemente disponibilizadas imagens mostrando o cotidiano da antiga São Rafael: ruas e prédios, festas (da padroeira Nossa Senhora da Conceição, carnavais, festejos juninos, desfiles cívicos escolares), diversões no rio, paisagens naturais. Exibiam-se também alguns momentos tristes, como as mudanças para a nova cidade e a chegada das águas às portas da igreja. As fotografias contavam a história da antiga São Rafael e rememoravam as vidas dos seus moradores. Não faltavam comentários, reencontros, manifestações de amor à terra natal, lembranças dos tempos vividos na antiga cidade, saudosismos, nostalgias.

Ao acessarem essa rede, muitos sujeitos passaram a dar testemunhos sobre as suas experiências de vida naquele município, uma prática que, naquela ocasião, reforçava os laços societários, avaliava o passado e projetava um futuro para os seus conterrâneos. A utilização do *Orkut* representava, para muitos, uma oportunidade de “trazer” o passado ao presente, de “salvar” a sua história contando-a pelas leituras das imagens, dos comentários das fotografias e dos depoimentos emocionados. Mesmo que grande parte dos vídeos e das fotografias tratasse de assuntos não propriamente relacionados à memória e à história da cidade, um número relevante dessas imagens agia no sentido de “descongelar” o tempo (DANTAS, 2003), ao construir um relato de “como era” a velha cidade e “como se vivia” ali.

De olhos fechados, como assim, falou um deles, os rafaélenses revisitam espaços da velha São Rafael (praças, calçadas, prédios, rio etc.) e suas sociabilidades (brincadeiras, conversas, festas, passeios etc.). Parafraseando Bachelard (2008, p. 19), esses sujeitos, nesses momentos

---

<sup>68</sup> A pesquisa sobre o Orkut de São Rafael encontra-se publicada num livro de minha autoria intitulado *Teias da saudade: Orkut, narrativas visuais e regeneração da memória em São Rafael-RN*, o qual se encontra disponível no portal do IFRN (<http://portal.ifrn.edu.br/ifrn/pesquisa/editora/livros-para-download/teias-da-saudade-francisco-das-chagas-silva-souza/view>).

fortuitos, ressuscitam os “espaços louvados”, reencontram-se com a sua “concha inicial”, vivem os lugares “com todas as parcialidades do coração”.

Foi com base nessas observações que, passei a considerar que, em virtude do desenvolvimento das tecnologias da inteligência trazidas pela ampliação do uso do computador e do acesso às redes sociais *on line*, os rafaélenses, residentes ou não em sua cidade natal, mesmo que não propositalmente, reforçam, reconstroem, portanto, regeneram, a memória desse município. Ou seja, convivendo com as narrativas orais, ou as reproduzindo, há hoje um outro veículo de transmissão da memória e da história de São Rafael: o *descongelamento* do tempo por meio das imagens (fotografias e vídeos) postadas no *Orkut*.

Mesmo que não tenha como finalidade precípua a evocação de um tempo que se passou há décadas – uma vez que naquele espaço, como qualquer outro do gênero, discute-se de tudo, de festas de fim de semana a jogos de futebol –, o *Orkut* de São Rafael representa, para muitos, uma oportunidade de *presentificar* o passado, de “salvar” a sua história, contando-a pelas leituras das imagens, dos comentários das fotografias e dos depoimentos grávidos de saudosismos.

Sabemos que as narrativas dos rafaélenses, transmitidas oral e virtualmente, não trazem de volta o passado conforme ele ocorreu, pois como nos ensina os estudiosos que têm a memória como tema, a lembrança e o esquecimento caminham juntos<sup>69</sup>. A memória e, com efeito, as narrativas de histórias de vida são construídas socialmente e se adequam aos interesses dos atores sociais num determinado contexto histórico. Como toda ação educativa se dá nas práticas sociais, lembrar e narrar fatos do passado é uma forma de proporcionar às gerações do presente, uma história, uma identidade, uma coesão<sup>70</sup>.

É digno de ressaltar o caráter pedagógico da transmissão das memórias pela população de São Rafael. Com base em testemunhos orais, passados entre as gerações, e visuais, por meio da leitura de imagens e de depoimentos disponibilizados no *Orkut*, aquela cidade busca salvar a sua história e construir uma identidade. Seja por meio da oralidade, da escrita ou de imagens fotográficas, tudo é válido para que a memória daquela população seja continuamente rejuvenescida e recriada.

---

<sup>69</sup> Na tese, foram muitos os autores utilizados como referenciais para discutir a construção de uma memória, em São Rafael, por meio das narrativas orais e visuais. Alguns deles merecem destaque: Pollak (1989; 1992), Halbwachs (2006), Le Goff (2003), Connerton (1999), Bosi (2003; 2007), Morin (2006), Cyrulnik (2004; 2005; 2006; 2007).

<sup>70</sup> Nesse aspecto, destacamos as considerações que o historiador Pierre Nora (1993) faz sobre a necessidade que temos, na modernidade, de criar “lugares de memória”.

Mesmo que toda conclusão seja provisória, parcial e incompleta, nossa pesquisa nos leva a considerar que, por meio dessa memória, construída coletivamente nas práticas cotidianas e entre as gerações, a população de São Rafael se reconhece, reflete sobre si, avalia o seu presente e projeta alternativas de futuro. Os testemunhos orais e os encontrados no *Orkut* são operadores que potencializam uma regeneração das memórias de uma população que luta contra o total esquecimento do seu passado.

No caso específico do *Orkut* de São Rafael, podemos considerar que as fotografias rejuvenescem a história, mantêm a vida coletiva e individual. Elas agora não são mais apenas registros de uma época, mas também documentos que suscitam representações sobre o passado. Por meio dessa rede social, elas contam histórias de um tempo que deixou saudades e, mesmo que tenham limites, cumprem o papel de “salvar” a memória da velha São Rafael sob o risco de aniquilamento ao longo das décadas e das gerações.

Os rafaélenses contam às novas gerações suas histórias de vida através da oralidade, da escrita e da informática, ou seja, do que Pierre Lévy denominou de “os três tempos do espírito” (1997). Na teia tecida entre os sujeitos, no *tempo da informática* entrelaçam-se as narrativas orais e escritas, denunciando o quanto é falsa a concepção dos que demonizam a mídia, acusando-a de ser refratária aos relatos orais de memória ou sua aniquiladora.

Edgar Morin, ao agradecer a criação de um *site* em sua homenagem pelo SESC de São Paulo, assim se expressa nesse espaço virtual: “agora, diferentemente de **DORIAN GRAY**, de Oscar Wilde, posso envelhecer em paz, pois minha obra vai se rejuvenescer para sempre na Internet”. Lembra, em seguida, que “tudo o que não se regenera acaba se degenerando. Tudo o que se encontra em estado nascente é apaixonante: um amor, uma revolução, uma infância. Mas tudo tende também a degenerar, a enrijecer, a esclerosar-se, a degradar-se, a morrer”. Morin observa que a grande lição que a organização viva nos dá é que ela é capaz de *regenerar-se* trocando as moléculas e as células do corpo que se degradam por moléculas e células que o regeneram. (MORIN, 2001)

Em *O Método 2* (2005b), ao discutir um dos princípios essenciais do seu pensamento, a auto-organização dos sistemas complexos, Morin alerta para a necessidade de compreendermos o prefixo *RE* como um paradigma. Para ele, toda reorganização permanente é, ao mesmo tempo, regeneração permanente e recorrência. Assim, a raiz *RE* aparece em um grande número de termos que emprega: reorganização, recorrência, repetição, renovação, restabelecimento, regeneração.

Considerando tal argumento, acreditamos que o *Orkut* de São Rafael cumpria, à época, um duplo papel que se apresenta imbricado,



interdependente: ao passo que essa ferramenta potencializa uma inteligência coletiva, por meio da cooperação, da troca de ideias e de sua reconstituição por meio de narrativas visuais, ela também regenera, repara, reproduz, restaura, reorganiza, renova a memória de uma cidade que desapareceu em meio às águas da barragem Armando Ribeiro Gonçalves em princípios da década de 1980.

Também Andrade (2003, p. 16) alerta para a importância que deveríamos dar às pequenas ações, geralmente vistas como exceções, curiosidades e sem maiores consequências. Precisamos dar luz novamente à utopia e acreditar no efeito multiplicador das pequenas ações que ampliem a possibilidade de agregar, de conviver, de conversar, de emocionar, de circular ideias e conhecimentos, enfim, de educar e de ser educado, de produzir e ser produzido, de organizar e se auto-organizar, lembrando-se aqui o princípio da recursividade do pensamento complexo.

“Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”, diz Raul Seixas numa de suas composições. Continuará o *Orkut* de São Rafael a desempenhar o seu papel de agregar pessoas interessadas em dar vida e renovar as suas memórias? Manter-se-ão em potência os diálogos, as emoções, a interatividade, enfim, uma ecologia cognitiva? Conseguirá essa rede social produzir mudanças por meio do estabelecimento de vínculos entre os filhos e netos da “Atlântida potiguar”? Infelizmente, não tenho as respostas, pois, como afirma Wagensberg, “a coisa mais certa deste mundo é que o mundo é incerto” (2010, p. 19).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Método complexo e desafios da pesquisa. In: \_\_\_\_; CARVALHO, Edgard de A. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009a. p. 97-111.
- ANDRADE, Arnon A. M. de. Complexidade e comunicação. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da. **Complexidade à flor da pele**: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-22.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Trad. Julio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BONETI, Lindomar W. **O silêncio das águas**: políticas públicas, meio ambiente e exclusão social. 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- BORGES, Maria Elisa L. **História & fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Trad. Vera Maria X. dos Santos. Bauru-SP: EDUSC, 2004.
- CARVALHO, Jô (Coord.). **São Rafael**: memória de uma cidade submersa. Natal: EDUFRN, 1999.
- CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. 2 ed. Oeiras: Celta, 1999.
- CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O murmúrio dos fantasmas**. Trad. Sônia Sampaio. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Falar de amor à beira do abismo**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Os alimentos afetivos**. Trad. Claudia Berliner. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DANTAS, Eugênia M. **Fotografia & complexidade**: a educação pelo olhar. 2003. 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

GOMES DA SILVA, Aldenor. **A parceria na agricultura irrigada no Baixo-Açu**. Natal: CCHLA, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. **História e fotografia**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Solange F. de; CARVALHO, Vânia C. de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografia. Niterói: EDUFF, 2008.

MORIN, Edgar. **Sociologia**. Portugal: Publicações Europa-América, 1984.

\_\_\_\_\_. **Edgar Morin** (Site) 2001. Disponível em: <<http://www.edgarmorin.org.br>>. Acesso em: 5 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O método 2**: a vida da vida. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawara. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Método 1**: A natureza da natureza. Trad. Ilana Heineberg. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara A. Khoury. **Projeto História**, São Paulo: EDUC, n. 10, dez. 1993. p. 7-28.

NUT-SECA DA UFRN - Diagnóstico e proposições para reativação. Disponível em < [http://www.nutseca.ufrn.br/relato\\_comissao/relatorio\\_completo.pdf](http://www.nutseca.ufrn.br/relato_comissao/relatorio_completo.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora R. Flaksman. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 03, 1989. p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, 1992. p. 200-212.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Francisco das Chagas S. **Escafandristas do tempo**: narrativas de vida e regeneração da memória em São Rafael-RN. 2010. 236f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

\_\_\_\_\_. **Teias da saudade**: Orkut, narrativas visuais e regeneração da memória em São Rafael-RN. Natal: Editora do IFRN, 2011.

VALENCIO, Norma F. **Grandes projetos hídricos no Nordeste**: suas implicações para a agricultura do semi-árido. Natal: EDUFRN, 1994.

VARGAS, Nazira A. **História que o povo conta**: opressão e sobrevivência. Recife-PE: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Beiradeiros do Baixo-Açu**: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Barragens**: o clamor dos beiradeiros. 1991. 770f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

WAGENSBERG, Jorge. **Pensamentos sobre a incerteza**. Trad. Simone Mateos. São Paulo: Saraiva, 2010.